



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS - UFMG
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAE
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS - FIEI

ANA CARINA ALVES FERREIRA

PRAÇA DA RESISTÊNCIA:

Símbolo e espaço de aprendizado da luta Pataxó

Belo Horizonte
2020

ANA CARINA ALVES FERREIRA

PRAÇA DA RESISTÊNCIA:

Símbolo e espaço de aprendizado da luta Pataxó

Trabalho de conclusão do curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas, Licenciatura em Línguas, Artes e Literatura, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais

Orientador: Gilcinei Teodoro Carvalho

Belo Horizonte

2020

DEDICATÓRIA

Dedico esse Percurso acadêmico a todos os povos que resistiram aos 500 anos de “invasão”, em especial ao povo Pataxó;

Agradeço às pessoas das aldeias do território Barra Velha que lutaram pela conquista do Parque Nacional Monte Pascoal e que transmitiram seus conhecimentos sobre a história desse importante lugar;

A todos os jovens e crianças da aldeia Pataxó Pé do Monte;

Aos meus familiares, meu pai, minha mãe, meus irmãos, meu sogro e sogra e, em especial, a meu esposo Samuel Santana e aos meus filhos Mikael, Maike e Atxuhí que acreditaram em mim e entenderam por 4 anos a minha ausência, contribuindo e me dando forças durante essa trajetória.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela saúde e equilíbrio para continuar nos estudos, pelas pessoas que contribuíram direta e indiretamente para que este trabalho se realizasse. Aos entrevistados Luiz Francisco do Nascimento (Luiz Pesca), Osiel Santana Ferreira (Guarú Pataxó), Roseni Nunes de Jesus da Cruz, Antônio José Santana Ferreira, Manoel Braz (Benevides), Moises dos Santos Santana Ferreira (Tohõ Pataxó) Ailton Alves dos Santos (Carajá Pataxó). Aos meus alunos, aos colegas de trabalho e à coordenadora da Escola Indígena Pataxó Pé do Monte que me apoiaram durante meus estudos. Às lideranças da Aldeia Boca da Mata e em especial ao ex-cacique e Presidente do Conselho de Caciques Alfredo Santana. Aos colegas e amigos Pataxó, Pataxó Hãhãhãe e Xacriabá. Meu pai Antônio José, minha mãe Ana Alice, meus irmãos que me ajudou no momento em que mais precisei Ivanildo, Emily, Maywru, Cleber, Clélia, Clenilton e a minha sobrinha Maria Eduarda e meu irmão Dione que percorreu o mesmo trajeto que eu nos estudos. Minha sogra Mariazinha, meu Sogro Braga e em especial minha cunhada Iamaní que sempre me contagiava com suas risadas. E, por fim ao meu orientador Gilcinei Teodoro Carvalho pela paciência e pelo resultado deste trabalho; à professora Maria Gorete Neto pelas suas atenções e preocupações e a todos os professores do Fiei que contribuíram muito na minha formação. Meu muito obrigado a todos.

RESUMO

Este trabalho apresenta a história de conquista pela retomada do Parque Nacional Monte Pascoal (PNMP) e a luta pela ampliação do Território Indígena Pataxó Barra Velha, com a criação da Aldeia Pé do Monte. A construção da Praça da Resistência representa um importante espaço de aprendizado, além de enfatizar a relevância do monumento e do seu espaço para a cultura e para a vivência das lutas e resistências do nosso povo. Os depoimentos presentes neste trabalho de pesquisa revelam o quanto a Praça da Resistência é um símbolo de luta do povo Pataxó. O registro desses depoimentos, assim como a apresentação da história da construção do monumento, contribui para renovar as lutas e para levar para o ambiente escolar um importante momento da história indígena.

Palavras-chave: Parque Nacional Monte Pascoal; Terra Indígena Pataxó; Barra Velha; Praça da Resistência.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Praça do Meio que foi renomeada Praça da Resistência, foto: Dan Baron, agosto 2001.....	17
Figura 2. Barraca de artesanato da Aldeia Pé do Monte, foto: Tohõ Pataxó, 2020...21	
Figura 3. Casarão do IBAMA que servia de escola, foto: Ikhã pataxó, 20 de julho 2019)	23
Figura 4. Atual escola da Aldeia Pé do Monte, 09 de julho de 2020, Roseni Nunes.24	
Figura 5. (A) foto antes da construção, foto: Dan Baron, Agosto 2001 e (B) com o monumento, foto: Airí Pataxó, 07 de fevereiro de 2017.	26
Figura 6. Apresentação em slides sobre o projeto do monumento em aldeia do município de Porto seguro e Prado, imagem 1: Aldeia Boca da Mata e imagem 2: Aldeia Águas Belas, foto: Dan Baron, Abril de 2001.	31
Figura 7. Plantando mudas no jardim medicinal, foto: Dan Baron, maio de 2001.	33
Figura 8. Monumento à Resistência dos Povos Indígenas no Monte Pascoal, Jornal Parantim, Brasília, p 4, agosto, 2001.	35
Figura 9. Povo Pataxó uns dos 245 povos indígenas vivos do Brasil, Foto:Ikhã Pataxó, 19 de agosto de 2019.....	35
Figura 10. O monumento, símbolo dos povos indígenas do Brasil. Foto: Átxuab Pataxó; 01 de setembro de 2017.	36
Figura 11. Praça e símbolo da Resistência dos Povos Indígenas do Brasil, foto: Ikhã Pataxó, 19 de agosto de 2019.....	38
Figura 12. Crianças ajudando os pais a carregarem pedras para a construção do monumento, foto: Dan Baron, abril de 2001.....	39
Figura 13. Términos das gravações do filme “A lenda do Monte Pascoal”, foto: Itamar dos Anjos, 15 de maio de 2013.	42
Figura 14. Estudantes indigenas da Aldeia Pé do Monte, foto: Tohõ Pataxó, 20 de junho de 2019.....	44

Figura 15. Estudantes não indígenas, foto: Tarugo Pataxó, 09 de setembro de 2019.	44
Figura 16. Criança de dois anos usando seus dedinhos para pintar o rosto com urucum foto; Ikhã Pataxó 19 de agosto 2019.....	45
Figura 17. Momento de reflexão de mais um ano de retomada do Monte Pascoal, foto; Ikhã Pataxó, 19 de agosto de 2019.....	46
Figura 18. Ritual Pataxó foto; Ikhã Pataxó 19 de agosto 2019.....	47
Figura 19. Participantes do Desfile Cultural, Foto: Ikhã Pataxó; 19 de dezembro de 2018.	48
Figura 20. Universitário a caminho da Praça da Resistência, foto: Tohõ Pataxó, 01 de setembro de 2017.	49
Figura 21. Utilização do incenso para purificar o espaço, foto: Ikhã Pataxó, 19 de agosto de 2019.....	50
Figura 22. Escrita em mármore-granito no monumento, Foto: IkhãPataxó, 19 de agosto 2019.....	51

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	9
2. INTRODUÇÃO.....	11
3. CAPÍTULO 1 - CRIAÇÃO DO PARQUE NACIONAL HISTÓRICO MONTE PASCOAL.....	13
3.1 A retomada do monte pascoal.....	16
3.2 A aldeia pataxó pé do monte	21
3.3 A ESCOLA INDÍGENA PATAXÓ PÉ DO MONTE	22
4. CAPITULO 2 - O SIMBOLO DE RESISTÊNCIA DOS POVOS INDIGENAS DO BRASIL.....	26
4.1 Histórias do Monumento	26
4.2 A retomada de construção do monumento no Monte Pascoal.....	30
4.3 A localização do monumento histórico	34
4.4 Os elementos que constituem o espaço	36
5. CAPITULO 3 - ESPAÇO ATUAL	38
5.1 A praça como espaço de aprendizado.....	38
5.2 Usos escolares e não escolares.....	43
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
7. REFERÊNCIAS	53

1. APRESENTAÇÃO

Sou indígena da etnia Pataxó, moro na Aldeia Pataxó Pé do Monte, município de Porto Seguro e, sendo aluna do curso Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI), na habilitação de Línguas, Artes e Literatura (LAL) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), tive o privilégio de escolher o tema de pesquisa do meu percurso acadêmico sobre a Praça da Resistência, especificamente de um monumento que está localizado nessa Praça. Essa praça que é importante para o povo Pataxó e o monumento apresenta um símbolo de grande valor e significado para os povos indígenas do Brasil.

Apesar de tantos temas que tinha interesse de estar pesquisando, este foi o que me identifiquei e que acreditei que poderia desenvolver com a aldeia em que convivo. Vi nesse tema uma oportunidade de contar a história desse espaço do meu ponto de vista, ou seja, num ponto de vista de uma mulher indígena. Penso que é preciso dar continuidade aos trabalhos que envolvam esse espaço de convívio porque a história continua e foi exatamente o que pensei quando presenciei um trabalho sendo apresentado no FIEI em 20 de maio de 2017, questionando sobre o que era esse monumento e suas funções. Indagação essa que fazia também parte de mim quando eu olhava para aquele espaço que está localizado no Monte Pascoal.

Ao ouvir esse questionamento, me senti no dever de dar continuidade ao trabalho PATAXÓ QUER SEU TERRITÓRIO DE VOLTA: *O parque Nacional do Monte Pascoal como unidade de conservação e terra indígena*, desenvolvido por Iraia Santos Guedes, a fim de contribuir com o que já tinha feito, ampliando as informações sobre a história desse monumento, além de, com esse estudo, disponibilizar materiais para o trabalho com as crianças que não conhecem o espaço e a sua história. Na condição de professora, a produção desses materiais tem uma grande importância como forma de registro de uma valiosa história

O meu desejo pelo projeto também foi para conhecer melhor a história do monumento, porque, quando eu era criança, me batia uma curiosidade de encontrar respostas para algumas perguntas: como foi construído? E por quem foi tirada a ideia de seu desenho? Qual seu significado? Qual a sua história? Fazendo esse

registro e tentando responder a essas perguntas, estou valorizando a memória e, também, registrando a importância desse espaço na atualidade.

O movimento de começar a responder a essas questões ocorreu quando vi numas fotografias o processo de construção do monumento e ficava indagando ao meu esposo e meu sogro sobre aqueles momentos registrados em fotografias num álbum deixado por um dos idealizadores da construção.

Quando resolvi pesquisar sobre a Praça da Resistência, em especial do Monumento, não foi para simplesmente contar o processo de história de sua construção, mas para reafirmar que esse espaço continua sendo de aprendizado contínuo. Digo isso porque hoje, além de sua história, tem sido um espaço de aprendizado para as pessoas da aldeia Pé do Monte e para outras indígenas e não indígenas. Até onde sei, não tem registro que fala especificamente do monumento e de sua simbologia e de quanto é importante para os povos indígenas do Brasil. Por isso, me vi na necessidade de fazer esse registro como contribuição para o meu povo, particularmente para a aldeia em que convivo.

Neste trabalho ficará registrada a história da construção do monumento, evidenciando que não foi simples ter hoje uma escultura simbólica que mostra a resistência dos povos após os 500 anos de “invasão”. Esse registro fará participação tanto na escola quanto na comunidade, pois a escola é um espaço que deve também fortalecer os conhecimentos sobre a história dos povos indígenas.

Com essa Apresentação, ressalto que o tema escolhido para esse percurso acadêmico é muito importante para todos e, também, é motivo de inspiração para outros estudantes que queiram contribuir com a minha pesquisa, porque eu não a vejo como finalizada. Apesar da dificuldade que tive, meu maior desejo foi registrar a história de luta, destacando a presença das pessoas que participaram coletivamente da construção de espaço que hoje serve de aprendizado para todos.

2. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo registrar o momento de luta e de história que a Praça de Resistência simboliza, seu trajeto de construção e sua contribuição no desenvolvimento da aldeia, ressaltando como foi a sua criação na comunidade com a retomada do Monte Pascoal.

Esta pesquisa foi realizada fazendo uso de entrevistas e conversas, e a maioria delas foi facilitada através da comunicação tecnológica. Na pesquisa está registrada a luta e está destacada a participação de lideranças que agiram coletivamente para a construção da Praça da Resistência, como Guarú Pataxó, Luis Pesca, Antônio José Santana Ferreira, Manoel Braz, Tohõ Pataxó, Jêrre Matalawê, Maria Braz, Rosení Nunes, Carajá e Âtxuab Pataxó.

Para a realização das entrevistas, tive que, na maioria das vezes, trocar mensagens em uma interação a distância, como já disse acima, por conta dos diferentes locais em que os entrevistados se localizavam. Outras vezes, visitei aldeias à procura de relatos sobre o meu tema com gravação em áudio e o uso das escritas em minha caderneta, sendo cada uma delas de formas diferentes de entrevista por conta das preferências dos entrevistados: uns gostavam de vídeos, outros só no diálogo e outros nas gravações de áudio como disse, sendo feitas somente com celular. Cada entrevista feita era satisfatória pelo conjunto de informações descobertas relacionadas ao tema, mas que trazia com clareza os conhecimentos envolvidos por todos os entrevistados.

O trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo, abordo a criação do Parque Nacional Histórico do Monte Pascoal, que relata a vida e história do povo Pataxó, o sofrimento vivido pela criação do Parque no ano de 1961, o medo que o Pataxó tinha por conta dos guardas que vigiavam o Parque Nacional, as maldades que esses guardas e fazendeiros faziam quando encontravam indígenas andando na área do Parque, as lutas e conquistas obtidas e a reconquista de ter a liberdade de caminhar em suas terras.

No segundo capítulo, falo sobre a história da Praça da Resistência, como e onde seria feito o monumento que está localizado nessa praça. Destaco, também, cada elemento que faz parte do Monumento, descrevendo cada um deles.

No terceiro capítulo, apresento o Monumento como espaço de aprendizado da luta Pataxó e como esse espaço é usado atualmente, além de relatar quem são as pessoas que hoje frequentam o espaço para usos escolares e não escolares.

3. CAPÍTULO 1 - CRIAÇÃO DO PARQUE NACIONAL HISTÓRICO MONTE PASCOAL

No ano de 1961, foi criada uma unidade de conservação com o objetivo de preservar o ecossistema presente no Sul da Bahia, que se inicia na beira da praia de Barra Velha até outros limites geográficos como o Rio Caraíva e Rio Corumbau, que fazem parte de todo o Monte Pascoal. Antes de seu decreto, a área já tinha a presença de indígenas que atualmente é nomeada Terra Indígena Pataxó.

Com a implantação do Parque Nacional e Histórico do Monte Pascoal no território indígena de Barra Velha, a situação dos Pataxó a partir dessa época ficou cada vez mais difícil, pois a vida em que eles conseguiam se sustentar em questão de alimentação piorou. Diante da situação em que estavam passando, a única forma de subsistência que eles tinham era a plantação, a pesca, a caça e o catado de marisco. No entanto, os guardas que fiscalizavam a área que se tornou área do governo os proibiam que fizessem qualquer uma dessas práticas, fazendo com que os indígenas que moravam naquelas áreas não tivessem direito de tirar nem mesmo uma vara para pescar.

No início era o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF), o atual Instituto Brasileiro Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), que fazia toda a fiscalização do Parque Monte Pascoal, impedindo que os indígenas fizessem qualquer tipo de trabalho agrícola dentro da área. Nessa época, tudo era feito às escondidas, por causa dos guardas, pois os indígenas temiam a repressão dos guardas e sabiam que eles não estavam ali para brincar. Foi um momento muito difícil para as comunidades indígenas que viviam naquela região. Meu pai, Antônio José Santana Ferreira, por exemplo, relembra essa época e conta o que ele viveu com seu tio para poder conseguir comprar pelo menos o que comer:

Nessa época era tudo difícil, teve um dia que eu mais meu tio saímos de Barra Velha para a mata. Era madrugada, num frio retado, eu tinha nove pra 10 anos, eu ia só pra acompanhar ele mesmo só pra ele não ir sozinho. Nós vínhamos cá pra aqueles meio de Corumbauzinho eu ia montado numa mula e chegava lá, ainda estava tudo escuro e meu tio tirava a piaçaba, mais era tudo desconfiado na cisma de qualquer hora chegasse alguém ali, todo mundo que ia pra mata caçar ou tirar piaçaba

ia com medo dos guardas. Quando a gente fazia dois mogoche de piaçaba nós amarrava na mula e voltava. Tudo era feito no escuro. Quando a gente voltada tinha que andar rápido para quando o dia clareasse nós já esta lá em Caraíva, que era onde nós vendia as piaçabas, lá tinha o Luiz que comprava ai nos vendia comprava as coisas e voltava pra trás, mais era tudo assim, era ruim demais. (ANTÔNIO JOSÉ SANTANA FERREIRA, entrevista, 06/06/2019).

“Todo mundo que ia pra mata caçar ou tirar piaçaba iam com medo dos guardas.” Era isso que nossos parentes antigamente passavam para tentar sobreviver. As suas práticas de trabalho eram feitas às escondidas, sem que os guardas os vissem: uns trocavam o dia pela noite e outros se arriscavam para manter sua família. Foram vividos momentos muitos difíceis. A liberdade em que eles deveriam ter lhes foi tirada. Mas, eles sabiam que poderiam ter de volta aquele bem, que eles sabiam onde iriam recorrer aos seus direitos e que eles poderiam caminhar livremente sem serem ameaçados. Esse depoimento é bastante representativo da experiência vivida pelos indígenas e retrata o clima de apreensão identificado pela necessidade de fazer tudo às escondidas, como se fosse uma atividade pouco legítima. O outro depoimento, abaixo, também reforça esse sentimento de clandestinidade dos indígenas:

Depois que fizeram esse parque ficou tudo ruim, eles ficavam desde a beira da praia até o Monte Pascoal andando dentro da mata fiscalizando, pra ver se encontrava índio na mata tirando piaçava e, se eles pegassem, poderia até fazer qualquer tipo de maldade. Até as roças que eram feitas eles derrubavam tudo e os animais entravam dentro e comiam as plantações que faziam. No mangue, eles proibiram também, proibiram tudo, lá perto de um lugar que chama Pistola do Sul, na praia, eles fizeram uma cerca que dali pra lá os índios não podiam passar, e era onde ficava o caminho do mangue naquela parte de lá. Lá tinha um guarda que chamava Ferrinho que ficava tomando conta de lá e outros cá no Monte.

Com todo medo, nos fazia a nossa roça. Eu me recordo bem que onde tem um lugar que se chama Córrego de Pedra, perto de Barra Velha, bem dentro da Mata, meu pai tinha colocado uma roça e lá a mandioca estava bonita, mas não tinha nem

um ano, estava com seis meses plantados; nós tivemos que arrancar logo porque fomos obrigados, e nós só tirou o que podia; o restante ficou secando porque não podia voltar mais, porque eles disseram que não era pra ninguém ficar entrando pra dentro da mata do Parque Nacional Monte Pascoal. (MANOEL BRAZ, entrevista, 06 de abril 2019).

Os relatos e as histórias dos mais velhos mostram como foi a situação em que eles viveram com a criação do Parque Nacional do Monte Pascoal, como o senhor Manoel mesmo fala: “No mangue, eles proibiram também proibiram tudo, para lá os índios não podiam passar”. Então já se percebe a pressão que eles faziam com os próprios moradores dali; nem a busca pela própria alimentação era uma atividade digna. Havia uma política de impedimento para que eles fizessem as suas atividades, tendo sua sobrevivência da forma que era. A partir da criação do Parque, eles foram impedidos de ter a liberdade de caminhar pelo próprio território que era na mata, no mangue, nos rios onde eles tiravam sua alimentação diária e, o mais importante, a liberdade de ir e vir no seu próprio território. Além da violência praticada, todas essas situações causadas, além do medo e da revolta, gerava um sentimento de injustiça com o que estava acontecendo com seus parentes.

Já eram 38 anos nessas mesmas condições: não se podia caçar, não se podia pescar nem se podia plantar. O sofrimento de cada família só aumentava. Isso foi que levou vários Caciques da Bahia a se organizarem e mobilizarem para a retomada do Monte Pascoal. Com reuniões realizadas, os caciques criaram um grupo (Conselho de Caciques da Bahia) para fazer suas articulações e organizações de seus movimentos. Fizeram várias reuniões nas aldeias do Território Barra Velha e outras como Coroa Vermelha, e no Território Pataxó Hãhãhãe a fim de realizar o desejo de reconquista de extensão do seu território que foi o que mais os anciões reivindicavam ao seu povo. A partir dessas organizações, na última de suas reuniões na Aldeia Boca da Mata, foi então decidida que partiriam para a retomada e tentar reverter as condições de vida dos Parentes Pataxó.

3.1 A retomada do Monte Pascoal

Com a criação do Conselho de Caciques do território de Barra Velha, foi reunido no dia 18 de agosto de 1999 na aldeia Boca da Mata com presidente do conselho Ailton Pataxó Hãhãhãe, juntamente com os caciques das regiões vizinhas para uma reunião na qual articularam e se organizaram para chegada e ocupação do Parque, pois eles tinham certeza de que as pessoas mais velhas da comunidade como seus avós, os pais e tios falavam que aquele Parque Nacional foi criado em uma terra tradicional do povo Pataxó, e que eles iam retomar o que lhes foi tomado. Foi uma organização muito bem realizada por todos para que no dia seguinte, numa quinta-feira, para que eles subissem para tomar conta de suas terras de origem. Daí, então, foi decidido e aprovado que seria realizado esse movimento com todos os líderes juntamente com todos da comunidade.

No dia 19 de agosto de 1999, como já proposto um dia antes, estavam reunidos grupos formados por homens e uma quantidade pequena de mulheres que saíram da aldeia Boca da Mata de madrugada, por volta das 02h00min da manhã com o objetivo de retomar o Parque Nacional Histórico do Monte Pascoal, que por vez fazia parte o território Barra Velha.

O Cacique Guarú Pataxó, atual cacique da aldeia Pé do Monte, relembra esse momento histórico:

Meu nome é Osiel Santana Ferreira, naquela época que nós veio para o Monte Pascoal em 99, eu não era cacique, eu era vice-cacique do meu irmão Alfredo e hoje ele é o presidente do conselho de cacique e o nosso objetivo naquela época pra vim para monte pascoal, porque nós tinha certeza que os mais velhos, o meu avô, meu pai, minha mãe, meu tio falavam que esse parque como ele foi criado em 1961, foi criado em cima de terra tradicional do Povo Pataxó. Então por isso nos cresceu já com aquele sentido de nós um dia nós ocupar esse espaço que é nosso, uma herança de nossos ancestrais, então eu, em 99 nos vimos aqui pro parque, nós tem o conselho de caciques, aonde nós se organizemos, primeiro nós fizemos a ocupação lá na Reserva da Jaqueira, ocupemos lá e graças a deus foi regularizado, depois nos viemos pra o Monte Pascoal para PODER TOMAR CONTA DAS NOSSAS TERRAS DE ORIGEM. (OSIEL SANTANA, ENTREVISTA, 07 DE ABRIL DE 2019).

Quando o senhor Osiel fala “*foi criado em cima de terra tradicional do Povo Pataxó*”, referente à criação do parque, ele afirma a história de seu povo, pois a história não fica adormecida; ela é repassada e ele teve também essa informação, e ele, assim como os outros caciques, deveria seguir com a luta que era a reconquista de uma parte do território, que também mudaria a vida de todos do território Barra Velha.

Chegando lá, a 14 km de distância da casa onde os guardas ficavam na entrada do Parque, o grupo de indígenas se reuniu na “Praça do Meio”, nome dado pelos guardas que se chama hoje de “Praça da Resistência”, nome esse dado pelo grupo Pataxó porque foi onde esse grupo de indígenas parou antes de iniciarem o seu objetivo da reconquista. Esse era um espaço aberto em meio à mata que, segundo as pessoas mais velhas, era a parte onde se avistava a claridade do dia.



Figura 1. Praça do Meio que foi renomeada Praça da Resistência, foto: Dan Baron, agosto 2001.

Nesse dia, 19 de agosto de 1999, estava chovendo, pois era o período de chuva na região. Eles caminharam debaixo de chuva de Boca da Mata até certo ponto para se pintaram, usando tinta de urucum e jenipapo que é a tinta usada para momentos de lutas. Traziam nas mãos as suas únicas armas, arco e flecha, takap, lança e borduna e a força espiritual da natureza, pois o povo Pataxó acredita muito na espiritualidade das forças ancestrais.

Na manhã desse dia, quando os guardas acordaram, se depararam com os indígenas que já tinham ocupado aquele espaço em que eles ficavam. Foi para eles um momento de inquietação, pois as notícias se espalhavam nas regiões, onde as ligações por rádios não paravam e a chegada de outros indígenas Pataxó de outras regiões também acontecia. Foram noites mal dormidas, fome e frio, mas o indígena não sairia tão fácil assim. Foi daí que entraram no diálogo com os guardas que, por vez, queriam somente fazer a ocupação sem causar nenhum conflito. Foram momentos de conversas entre guardas e caciques com a atual chefe na época conhecida por Carmem. Para entrarem em acordo, tiveram momentos de muitas conversas entres alguns órgãos que amparam os indígenas como a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), pois os próprios indígenas já tinham conhecimento de toda extensão do parque e queriam ter a liberdade de passagem e saída pela mata onde eles implantaram o parque e tiraram o direito dos indígenas de caminhar nas suas próprias terras, pois até para irem à cidade, eles eram ameaçados pelo fazendeiro na época conhecido por Barbosa. Barbosa era um dos fazendeiros que morava em torno do parque. Eles impediram que os índios que vinham de Barra Velha passassem por essas áreas para que eles não fossem vender seus artesanatos.

Daí eles fizeram documentos que pudessem ajudar em suas lutas. Um desses documentos foi uma Carta que não apenas chamasse a atenção das autoridades, mas que mostrasse que a terra era indígena e que estavam ali para lutar por seus direitos e, também, se responsabilizando pelos cuidados pelo Parque Nacional Monte Pascoal. Essa carta é reproduzida abaixo:

“CARTA DO POVO PATAXÓ ÀS AUTORIDADES BRASILEIRAS

Nós, representantes dos povos Pataxó e Pataxó Hã Hã Hãe, reunidos entre os dias 16 e 18 de agosto de 1999, lideranças do nosso povo, discutimos os problemas de que se passam hoje as comunidades indígenas, principalmente na luta pela demarcação de nossas terras. Nessa assembleia do conselho de caciques, nós confirmamos a necessidade de ampliação e recuperação do nosso território tradicional, dentre este a área que compreende a parte das aldeias Boca da Mata, Barra Velha, Corumbauzinho, Meio da Mata e Águas Belas, aldeias ao redor do

Parque Nacional do Monte Pascoal, terra dos nossos antepassados, que hoje está recuperada por nosso povo.

Depois de muitas conversas bonitas, cansados de esperar por nossos governantes e conscientes que o suposto parque nacional está dentro dos limites de nossas terras, conforme as histórias de nossos anciões decidimos imediatamente RETOMAR o nosso território, neste dia 19 de agosto de 1999, quinta-feira, protegidos pela memória dos antepassados, protegidos pelo direito constitucional e forçado a dar resposta aos atos falhos do estado brasileiro e aos seus governantes que nunca olharam e nem se preocuparam com a nossa situação dos 500 anos de invasão de nossa terra sem lembrar o sofrimento e violências contra os povos indígenas até os dias de hoje; a falta de uma assistência adequada e o descaso total dos órgãos responsáveis também motivou a nossa decisão.

Nosso principal objetivo é garantir nossas terras; pretendemos transformar o que as autoridades chamam de Parque Nacional de Monte Pascoal em Parque indígena, Terra dos Pataxós, para preservá-los e recupera-lo da situação em que hoje o governo deixou nossa terra, depois de anos na mão do IBDF, atual IBAMA, que nada fez a não ser reprimir os índios e desrespeitar as nossos direitos. Queremos deixar claro para a sociedade brasileira, para os ambientalistas, para as demais autoridades, que não somos destruidores da floresta, como tem sido proclamado pelo chefe do parque, que muito tempo desrespeita o nosso povo dentro do nosso território tradicional. Vamos celebrar os 500 anos em nossa terra; receberemos os nossos parentes de todo Brasil aqui, no Monte Pascoal, único local possível para construirmos o futuro com dignidade.

Solicitamos que a Procuradoria da República e a imprensa em geral possam acompanhar os nossos trabalhos nestes primeiros meses, dentro de nossa terra. Mais uma vez pedimos o apoio de toda a sociedade brasileira.

O MONTE PASCOAL É NOSSO TERRITÓRIO DOS PATAXÓS!!

Aldeia do Monte Pascoal, 19 de agosto de 1999.

Assina o Conselho de Caciques pataxó” (ANAI. Carta de Índios Pataxó ao Presidente da República, João Figueiredo. Brasília, DF: 1980. (Digit.[Links])

“A repercussão desta carta teve grande efeito” diz o cacique Carajá (AILTON ALVES DOS SANTOS da Aldeia Canto da mata, município de Prado- BA. Entrevista, 24 de fev.2020)

Essa carta teve repercussão muito grande, inclusive na questão dos acordos que teve com os órgãos do Parque Nacional Monte Pascoal. E, então, para o Pataxó, a carta fez um avanço ainda maior do que a retomada, porque, segundo Carajá, o que os órgãos queriam era que os indígenas continuassem ali com eles sendo chefes. Por isso, a carta fez grande efeito, pois foi através de sua escrita que eles reivindicaram às autoridades assumindo o compromisso de responsabilidade de cuidar do que já eram donos. Sendo uma carta também de apoio para que os indígenas vivessem ali, alcançando seu objetivo que poucos conheciam que era o de lidar com autoridades e compartilhar esse conhecimento de sua própria história.

A carta foi um dos elementos que garantiu e reforçou que os indígenas permanecessem.

Para Carajá, as palavras escritas na carta foram fortes, onde demonstram o mesmo poder que um Ministro teve ao tentarem negociar a saída dos indígenas daí.

O importante desta carta é a liberdade de escrita que cada um dos caciques em suas opiniões expressou: a indignação com o governo que sempre teve esse defeito de sempre prometer e não cumprir com seus atos e, por isso, na carta se destaca “muitas conversas bonitas”, pois já estavam cansados das promessas que nunca se realizavam em questão da situação em que eles estavam vivendo depois da criação do Parque Monte Pascoal. Sem falar da falta de apoio em situações de violência contra os indígenas que acontecia no decorrer dos anos sem ter nenhuma forma de proteção com na carta os caciques deixam bem claro a preocupação que tinham, “a falta de uma assistência adequada e o descaso total dos órgãos necessários foi o que nos motivou tomar essa decisão”. Então não foi por acaso que queriam seu território de volta. Cada representante das comunidades que existia em torno do Monte Pascoal já sofria e os órgãos responsáveis não davam nenhuma assistência a não ser “reprimir os índios e desrespeitar os nossos direitos” no qual era por parte dos órgãos que fiscalizam o Parque.

E como diz o cacique Guaru “índio é um bicho teimoso”. Os indígenas não deram o braço a torcer até que eles tivessem uma resposta, a de permanência. Depois de dias frios, com fome e sem sonos, eles conseguiram algumas das

reivindicações, formando então mais uma comunidade para a extensão do território Barra Velha.

3.2 A aldeia pataxó Pé do Monte

Após o período tenso da retomada, ficaram morando no local em torno de 15 famílias, aí incluídos Braz, Ferreira e Santana. A partir de então, o conselho de caciques se reuniu e nomeou a Aldeia Pé do Monte no ano de 1999.

Já se passaram vinte e um anos e ainda continua a luta pela demarcação dessa terra indígena. O processo de demarcação corre juntamente com outras quatro aldeias (Guaxuma, Nova Esperança, Jitaí, Aldeia Nova) que foram criadas a partir da retomada do Monte Pascoal e esperam pela homologação.

A aldeia Pé do Monte está localizada no Território Indígena Barra Velha, município de Porto Seguro-BA. A aldeia possui atualmente 47 famílias com número aproximado de 197 pessoas que vivem da confecção de artesanato de sementes e da agricultura familiar, o plantio agroflorestal e de atividades como servidores públicos. Com os artesanatos de semente, as famílias vendem seus produtos em algumas barracas para os visitantes e turistas, como meio de sustentabilidade da comunidade e sem degradar a mãe natureza. O mesmo acontece com o plantio agroflorestal, sendo esses os meios de se manter.

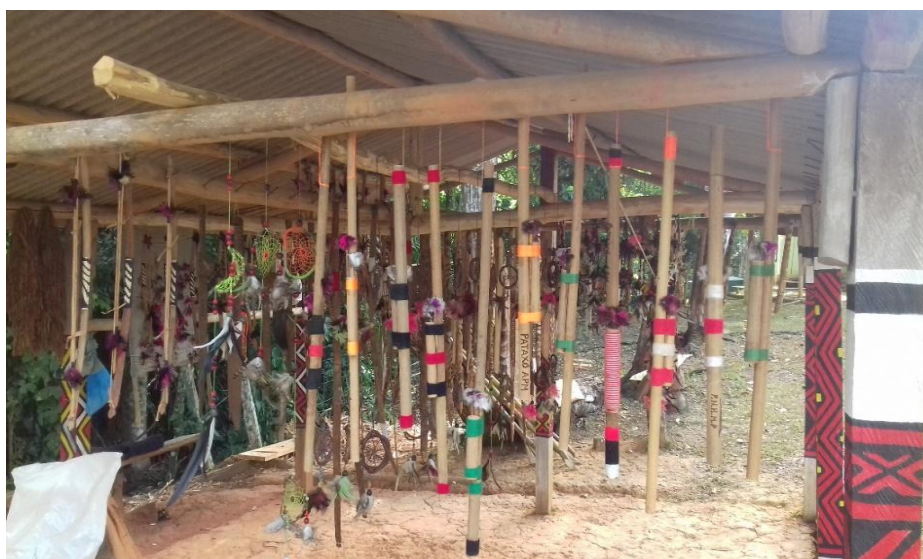


Figura 2. Barraca de artesanato da Aldeia Pé do Monte, foto: Tohõ Pataxó, 2020.

Durante esses anos, a comunidade tem conseguido, por meio do cacique e lideranças, recursos que melhoraram as condições da aldeia. Podemos citar uma escola com boa estrutura, posto de saúde, igreja, energia, água, além dos projetos que têm gerado renda para algumas famílias, como horta orgânica, viveiro de mudas nativas, e tem também a Associação Pataxó da Aldeia Pé do Monte (APAPEM), que a partir dela conseguiram um carro e uma motocicleta para desenvolver o trabalho dentro da comunidade, dando assistência aos associados em questão de saúde.

3.3 A ESCOLA INDÍGENA PATAXÓ PÉ DO MONTE

Com a criação da aldeia no ano de 1999, logo após a retomada do Monte Pascoal, as famílias que ficaram morando no Pé do Monte se preocuparam com a educação de seus filhos nos próximos anos, pois muitos deles terminaram o ano letivo na aldeia Boca da Mata que foi de onde as famílias vieram e juntamente com as lideranças resolveram ir à busca de alguém que pudesse dar um ensinamento aos seus filhos e que não fosse fora da comunidade. Deu-se início, então, no ano 2000, a trajetória de ensino dentro da aldeia, sendo Claudene a primeira professora não indígena a iniciar e dar seguimento nos estudos das crianças.

Como não havia outro espaço adequado para que as aulas pudessem acontecer, o cacique e lideranças decidiram que o local que serviria de escola seria então o centro de visitantes, que é um casarão que ainda existe em meio à mata, que também é um ponto atualmente de reuniões da ICMBIO, conhecido como Céu Azul, funcionando como turmas multisseriadas de 1° a 4° série.



Figura 3. Casarão do IBAMA que servia de escola, foto: Ikhã pataxó, 20 de julho 2019)

O cacique da aldeia me explicou que o processo de busca da educação para as crianças da nova aldeia foi para ele delicado, porque ele queria que todas as crianças tivessem um futuro bom, e a forma de se alcançar esse futuro, para ele, seria estudando.

Em 2001, houve a necessidade de dividir as turmas. Foi quando a professora Roseni, a convite de uma das professoras que já estava lecionando na aldeia, veio para colaborar. Segundo a professora Roseni, uma de minhas entrevistadas, quando ela veio para a aldeia as aulas ainda eram no Céu Azul, e todos os dias fazia o trajeto de ida e volta caminhando com seus alunos, pois era perigoso andar sozinhos, como ela mesma afirma:

“Como era longe e era um espaço bem fechado de reserva bem fechada, era muito perigoso, ai os pais também tinham esse conhecimento e nos aconselhava as crianças a andar em grupos, quando a gente ia pela manhã e quando a gente voltava também, vinha todo mundo junto por conta de animais como onça e cobra, e desta forma terminamos o ano.”
(ROSENI NUNES DE JESUS CRUZ, *Entrevista*, 05/03/2020).

No ano seguinte, 2003, os pais se reuniram e resolveram fazer uma Cabana para os professores trabalharem, facilitando o acesso das crianças por conta da distância a ser percorrida. Anos se passavam e a quantidade de estudantes só aumentava, passando a usar outro espaço, uma casinha de taipa. Foi quando a prefeitura de Porto Seguro resolveu construir uma escola. Neste ano já tinha turma da educação infantil com crianças de 04 anos. Então houve ainda mais a preocupação e necessidade de ter um espaço que coubesse e atendesse a todos. Mas antes disso, a professora Roseni trabalhou em farinha, em varanda de casas, passando por momento de desconfortos.

No ano de 2008, já tinha sido criada a primeira escola, onde foi o primeiro ponto de ensino adequado da comunidade. A escola indígena Pataxó Pé do Monte tem como base uma história que foi construída a partir do momento em que aconteceu a retomada da aldeia. Por isso, todo ano a escola tem a data de 19 de agosto como uma data comemorativa para celebrar um momento de reflexão e de respeito.



Figura 4. Atual escola da Aldeia Pé do Monte, 09 de julho de 2020, Roseni Nunes.

Tudo o que acontece na escola tem relativamente um resumo das lutas e vitórias vividas pelo povo Pataxó, não é somente a força e, sim, a vontade de prosseguir é que tem levado ao que hoje representa aqueles que iniciaram essa trajetória de luta que são os mais velhos e que fizeram e fazem acreditar que tudo o

que tanto querem tem que vir com a força de vontade. E, para isso, os professores indígenas buscam ensinar a cumplicidade com as histórias da aldeia. Quando se fala história é de afirmar o que tem a ser prestado para que possa acontecer o que tanto falam em uma educação diferenciada.

Para que eu pudesse escrever a parte que é foco deste trabalho, precisei relatar toda história de luta que aconteceu antes. O registro dessa história é para mim de muita importância, principalmente para o povo Pataxó que vem lutando desde o sofrimento pela sobrevivência. A conquista é, portanto, um símbolo que representa todos os povos indígenas do Brasil.

4. CAPITULO 2 - O SIMBOLO DE RESISTÊNCIA DOS POVOS INDIGENAS DO BRASIL

A. Antes



B. depois



Figura 5. (A) foto antes da construção, foto: Dan Baron, Agosto 2001 e (B) com o monumento, foto: Airí Pataxó, 07 de fevereiro de 2017.

4.1 Histórias do Monumento

O monumento que simboliza a luta e a resistência dos povos indígenas do Brasil inicialmente seria feito na aldeia Coroa Vermelha, no ano de 2000, com a participação de Dan Baron.

Dan Baron Cohen nasceu em Londres, Inglaterra. Reside no Brasil desde 1998, é dramaturgo, diretor de teatro comunitário, teórico cultural e educador de artes, e atualmente vive e trabalha no Brasil. Veio para ao estado da Bahia no ano 2000 a convite do Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e do Movimento Indígena Nacional para a realização da construção de um monumento que representasse os 500 anos de resistência e que pudesse ser inaugurado junto à construção que o governo de Fernando Henrique Cardoso já estava fazendo. O convite surgiu depois de um projeto bem fascinante que ele já tinha feito no Pará, em Marabá, em Eldorado dos Carajás. Um projeto de um monumento que foi comunitário e participativo, onde as famílias e sobreviventes do massacre de abril de 1996 pediram um monumento para criar não só uma memória, mas também ao mesmo tempo uma memória que a paz se rompe com o silêncio cercado o massacre em uma verdadeira história de mulheres e crianças assassinadas em túmulo anônimo. Para o indígena Pataxó, eles queriam algo que representasse a sua resistência após

500 anos e que o suposto marco que o governo construiria não os representava, tendo formato de cruz que, para eles, era como uma espada cravada em suas memórias ancestrais.

O autor vai além de uma nova concepção da arte. Propõe o uso de diversas linguagens- a poética, o teatro, a música, a escultura- em cada espaço social. Essas linguagens abrem novas formas de alfabetização além da escrita apropriação do letramento, na construção de processos humaniza dores, particularmente com comunidades que vivem no mundo da oralidade e do simbólico. (BARON, 2004, p. 14.)

Assim, Dan propõe e possibilita uma prática de aprendizado a partir dos saberes e das histórias populares que alfabetiza a pessoa e cria o coletivo no ato de aprender fazendo.

Neste trecho do livro *Alfabetização Cultural: a luta íntima por uma nova humanidade*, percebe-se a preocupação do autor Dan Baron em relação ao aprendizado coletivo que seria o mais importante durante a construção do monumento, sendo momentos de partilhar conhecimentos a quem pode aprender fazendo.

Segundo Dan Baron, o monumento que seria feito em Coroa Vermelha teve de início várias opções de como teria o seu formato. E onde seria feito? Qual seria o símbolo adequado que pudesse representar a resistência dos povos do Brasil? Então, para decidir sobre as concepções da obra, foram realizadas em vários encontros pesquisas com as lideranças para opinarem coletivamente sobre o processo do monumento. Mas o que lhes preocupava era o que iria ser a marca de uma luta infinita. E foram os caciques que escolheram o lugar na praia de Coroa Vermelha, indicando exatamente a praia onde os portugueses pisaram e colonizaram 500 anos atrás. Sua estrutura decidida em forma de caranguejo simboliza um importante alimento do povo Pataxó e por ser habitante típico do litoral e se alimentar de marisco, peixe e dos animais do mangue.

A sobrevivência do povo nessa época vinha basicamente do mar e da floresta. O foco do monumento era, nesse projeto inicial, destacar características da vida local que representasse 500 anos de resistência. As lideranças juntamente

367, que liga Porto Seguro a Santa Cruz Cabralia (BA) e terminaram com 141 pessoas detidas.” (Folha Online, **Brasil 500**).

Mas o que era para ser uma marcha tranquila entre eles se tornou confronto entre os manifestantes e policiais.

No dia 26 de Abril, após três dias de reflexão insistindo sobre sua liberdade, foi que o povo Pataxó de Coroa Vermelha foi convidado a subir no palco e a carta lida pelo jovem Matalawê Pataxó apareceu na primeira página dos principais jornais do país:

“Hoje, é esse dia que poderia ser um dia de alegria para todos nós”. Vocês estão dentro de nossa casa. Estão dentro daquilo que é o coração do nosso povo, que é a terra, onde todos vocês estão pisando. Isso é nossa terra. Onde vocês estão pisando vocês tem que ter respeito porque essa terra pertence a nos. Vocês, quando chegaram aqui essa terra já era nossa, o que vocês fazem com a gente? Nossos povos têm muitas histórias para contar. Nossos povos nativos e donos dessas terras, que vivem em harmonia com a natureza: tupi, guarani, tapuia, caiapó, pataxó e tantos outros.

Séculos depois, estudos comprovam a teoria, contada pelos anciãos, em geração em geração dos povos, as verdades Sábias, que vocês não souberam respeitar e que hoje não querem respeitar. São mais de 40 mil anos em que germinaram mais de 990 povos com culturas, com línguas diferentes, mais apenas em 500 anos esses 990 foram reduzidos a menos de 220. Mais de 6 milhões de índios foram reduzidos a apenas 350 mil. Quinhentos anos de sofrimento, de massacre, de exclusão, de preconceito, de exploração, de extermínios de nossos parentes, aculturamento, estupro de nossas mulheres, devastação de nossas terras, de nossas matas, que nos tomaram com a invasão. Hoje, quer afirmar a qualquer custo a mentira, a mentira do descobrimento. Cravando em nossa terra uma cruz de metal, levando o nosso monumento, que seria a resistência dos povos indígenas. Símbolo da nossa resistência e do nosso povo. Impediram a nossa marcha com um pelotão de choque, tiros e bombas de gás. Com o nosso sangue comemoraram mais uma vez o Descobrimento. Com tudo isso não vai conseguir impedir a nossa resistência. (...) A terra para nós é sagrada. Nela está a memória de nossos ancestrais

dizendo que clama por justiça. Por isso exigimos a demarcação de nossos territórios indígenas, o respeito as nossas culturas e as nossas diferenças, condições para sustentação, educação, saúde e punição pelas agressões aos povos indígenas. Estamos de luto. Até quando? “Vocês não se envergonham dessa memória que esta na nossa alma e no nosso coração, e vamos reconta-la por justiça, terra e liberdade.” (Folha de São Paulo, 27 de Abril de 2000)

Algumas dessas imagens do suposto monumento que seria construído em Coroa Vermelha estão registradas num livro por nome, ALFABETIZAÇÃO CULTURAL: a luta íntima por uma nova humanidade, autor: Dan Baron.

Depois dos momentos que foram de tristeza para as lideranças e todo povo Pataxó, de não conseguirem apoio devido para que realizassem o seu próprio marco histórico, manteve o contato de Dan Baron com algumas lideranças Pataxó através do Conselho Indigenista Missionário CIMI. Durante o tempo em que teve que ficar clandestino no país dando oficinas, palestras dialógicas com outros movimentos sociais, com os povos indígenas no país, nas escolas, nas universidades, decidiram voltar à Coroa Vermelha com a esperança de que ainda iam realizar o monumento. “Quando a gente retomou o processo nove meses depois, decidimos com o povo Pataxó e outros caciques da região do sudeste da Bahia de iniciar o projeto novamente em Monte Pascoal”. (DAN BARON, 09 de outubro de 2019).

A retomada do processo de reconstrução do monumento no Monte Pascoal dependia muito da opinião das aldeias que existia ao seu entorno, nos municípios de Porto Seguro e Prado.

4.2 A retomada da construção do monumento no Monte Pascoal

Foi daí, então, que retomaram o processo, fazendo visitas nas aldeias Pataxós (Barra Velha, Meio da Mata, Corumbauzinho, Boca da Mata, Águas Belas e

Cassiana e Pé do Monte) em torno do Monte Pascoal. Conversando com universidades e escolas, acabaram construindo uma rede de solidariedade, de propostas de reflexão e de visualizações. E, quando chegaram ao Monte Pascoal, iniciaram o processo de construção e de idealização. Dan Baron diz que em algumas aldeias pessoas disseram que queriam trabalhar com cimento e pedra para que esse monumento viesse a resistir à violência na passagem do tempo no mínimo por 500 anos.

1



2



Figura 6. Apresentação em slides sobre o projeto do monumento em aldeia do município de Porto Seguro e Prado, imagem 1: Aldeia Boca da Mata e imagem 2: Aldeia Águas Belas, foto: Dan Baron, Abril de 2001.

A partir daí começa um novo percurso, onde foram tomadas decisões coletivas no meio da floresta do Monte Pascoal, igual ao processo dos Carajás, segundo o Dan, para aprender como cooperar, já que o objetivo, não foi um objetivo dele e nem de sua companheira Emanuela exatamente, era das pessoas que participavam. E para que tudo viesse a acontecer foi com confiança, com experiências, com sua metodologia que ele ia conseguindo. Tendo uma pedagogia de como fazer, como criar uma forma educativa é que iniciou com objetivo de criar um monumento Nacional, a partir da experiência íntima, coletiva e comunitária das aldeias de Monte Pascoal. E, para ele, criar essa memória é simbolizar uma forma em que celebra os valores da cultura, da resistência, o modo de viver, a partir da caça, da dança, da comida, mas, sobretudo, deslumbrar um futuro de retomada de vida digna e de vida saudável, tendo como objetivo maior o de afirmar a história de 500 anos de resistência e também de 500 anos de luta em busca de uma visão de vida reconhecida, vida indígena respeitada e protegida.

Nesse novo processo foram tomadas novas decisões. Isso significa que o objetivo foi favorecer um processo coletivo, envolvendo aproximadamente 2 mil

Pataxó crianças e adultos, com capacidade de resolver as novas ideias, por exemplo, a escolha dos cinco arcos: cada arco representando 100 anos de resistência, na forma de uma roda, na forma de uma dança, o AWÊ. Foram decididos junto os arcos com cordas ou sem cordas. E essa decisão foi a mais importante relembra Dan Baron.

“Alguns disseram, mas se a gente deixar os arcos sem cordas vai parecer que a luta acabou, e outros diziam, mas se deixarmos com a corda vai logo descobrir que são 5 arcos armados vão bater uma foto e vão sair. E sem cordas eles vão cochichar, vão perguntar, mas o que é isso? É uma coroa? São cinco arcos e uma luta acabada? É uma luta viva? O que é isso?”

Depois de uns 15 dias, as pessoas chegaram e uma pessoa falou: olham bem os arcos, e todos olharam na direção do monumento onde estava trabalhando e o cacique falou o que vocês estão vendo? Dá pra ver 5 arcos? As pessoas disseram: sim. Dá pra imaginar as cordas? As pessoas disseram: sim. Então, ele falou nós temos já um monumento com cordas e sem cordas, nós temos um monumento com cordas invisíveis que nos enxergamos e assim nós não estamos passando os segredos da nossa luta. (DAN BARON, Entrevista 09 de outubro de 2019).

E como disse Dan Baron, essa intervenção poética venceu, sensibilizou e convenceu a todos, pois seu objetivo também não era fazer uma coisa óbvia, e até hoje temos um monumento com 5 arcos armados e com cordas invisíveis. Essa decisão foi tomada coletivamente também porque o objetivo era não fazer propaganda, mas era criar um monumento que convida, que encanta e que abre espaço para a imaginação, para debate e para interpretações diversas.

No final, temos um monumento de altas qualidades artísticas que, cultural, estética que alimenta a imaginação política, e é essa estética que vai construindo símbolo para o futuro. Essa estética foi valorizada pela própria construção, pelos indígenas que criaram o monumento. (Dan Baron, entrevista, 09 de outubro de 2019).

Quase ao final da construção, foi feita conversa com crianças, jovens e adultos Pataxó. Todos opinando e juntos decidiram colocar no centro do monumento um jardim de plantas medicinais para cicatrizar o Brasil. Para cicatrizar os povos indígenas, os descendentes, para cicatrizar qualquer pessoa, e essa decisão final na construção do monumento foi criado com o objetivo inicial de não só lembrar e memorizar, mas também um monumento celebrando saberes e conhecimentos indígenas no mundo de plantas que curam: um monumento verdadeiramente nacional, capaz de cicatrizar, não de se vingar, mas pensando em cura e transformação e capaz de retomar uma visão indígena contemporânea pelo futuro.



Figura 7. Plantando mudas no jardim medicinal, foto: Dan Baron, maio de 2001.

“Ao finalizar o monumento foi interessante que quando a gente olhou para esse monumento e pensou como não percebemos quanto cimento no meio da floresta e quase uma invasão de cimento para cuidar da existência dele.” (DAN BARON, entrevista, 09 de outubro 2019).

Podemos constatar, portanto, que a construção do monumento foi uma obra pensada coletivamente, mediada pela intervenção de um artista que liderou as discussões.

4.3 A localização do monumento histórico

O monumento está localizado no Parque Nacional e Histórico do Monte Pascoal, no extremo sul da Bahia, no Município de Porto Seguro, próximo do limite com o Município de Prado, onde possui a porção de terra avistada pelos colonizadores portugueses, lugar onde os povos indígenas já estavam presentes.

A entrada principal do Parque fica localizada na BR 498 km zero, acessada pela BR 101 aproximadamente no Km 794, e passa pela aldeia Pataxó Pé do Monte, onde se localiza a portaria principal do Parque Nacional.

O monumento que teve todo um processo e uma história, hoje é um lugar de grande valor e respeito para o povo Pataxó. Assim como é para o cacique Osiel Santana, que relata em uma das entrevistas a sua participação no momento da construção do monumento:

“Todas as manhãs nós fazíamos a nossa avaliação de trabalho, de noite nós fazíamos nossa avaliação perante o dia que nós trabalhamos, fazia o nosso ritual e todo o mundo voltava pra casa e ia descansar, foi assim que foi acontecida a construção desse monumento.” (OSIEL SANTANA, Entrevista, 15 de maio 2019).

Percebemos que a harmonia, o sagrado e a fé estão presentes, e envolvida, em todos os momentos na construção do monumento e que, na sua fala, o cacique ressalta isso quando diz que “considero aquele monumento, como um monumento sagrado”. Todas as manhãs nós fazíamos a nossa avaliação de trabalho. “De noite nós fazíamos nossa avaliação perante o dia que nos trabalhamos, fazia o nosso ritual e todo o mundo voltava pra casa e ia descansar, foi assim que foi acontecida a construção desse monumento”.

O monumento foi construído na Praça da Resistência, como já citado acima. Esse nome foi dado pelo conselho de caciques da Bahia. A sua estrutura tem uma

simbologia importante para os povos do Brasil no qual só se percebe quando olhamos com cuidado, com a mesma curiosidade de uma criança de querer saber sobre o que ele significa.



Figura 8. Monumento à Resistência dos Povos Indígenas no Monte Pascoal, Jornal Parantim, Brasília, p 4, agosto, 2001.

Em cima de sua estrutura foi desenhado o mapa do Brasil, com nomes de 245 povos indígenas vivos no Brasil, escritos em mármore-granito; e ao lado dos nomes tem um túmulo que representa a memória dos povos indígenas extintos do Brasil.



Figura 9. Povo Pataxó uns dos 245 povos indígenas vivos do Brasil, Foto:Ikhã Pataxó, 19 de agosto de 2019.

Os nomes dos povos existentes no Brasil foram escritos em ordem alfabética.

4.4 Os elementos que constituem o espaço



Figura 10. O monumento, símbolo dos povos indígenas do Brasil. Foto: ãtxuab Pataxó; 01 de setembro de 2017.

O monumento tem um formato que indica claramente alguns elementos da cultura indígena: o maracá, a flecha e o arco.

O **maracá**, esse que tem um significado muito grande para o povo Pataxó, já que é um instrumento sagrado que é usado nos rituais internos e externos da aldeia que, além desses detalhes voltados para o seu uso, é também um instrumento que exige muito respeito da pessoa que utiliza. O maracá quando é feito para o uso pessoal não deve ser vendido, dado e nem emprestado, já que é um objeto sagrado. E o maracá carrega grandes forças espirituais, sendo um companheiro nas lutas pela terra, manifestações e está presente em todo o movimento indígena, já que o maracá e o Pataxó não se separam.

As **flechas** também são outro instrumento que acompanha o arco nos momentos de lutas pelos direitos, e elas foram pintadas na cor vermelha que representa o sangue e a luta dos mais velhos, especialmente com a referência ao dia 11 de maio de 1951 que foi “O massacre de 51” que aconteceu na Aldeia Mãe Barra Velha. Um acontecimento muito forte que aos dias de hoje quando se é

relembrado alguns momentos ou que é recontada, percebemos a emoção de quem os relata, momentos de dores e perdas, mas também de luta para conseguir a demarcação das terras e garantia de nossa permanência no território.

O **arco** é um instrumento de defesa e de caça e os arcos são feitos de 6 espécies de árvores que são o pau darco, laranjeira, patí, airí, peroba e buri, e que antigamente os Pataxó utilizavam para lutar, caçar e pescar.

Os cinco arcos construídos, além de sua característica cultural, representam os 500 anos de resistência do contato com os não indígenas.

Dessa referência, outros parentes que lutaram e brigaram pela demarcação de suas terras representam também os quinhentos anos de histórias de resistência dos povos que ainda se localizam no estado da Bahia, até porque o povo Pataxó foi que teve primeiro contato com a civilização.

Em cima de sua estrutura foi desenhado o mapa do Brasil, com nomes de 245 povos indígenas vivos no Brasil, escritos em mármore-granito; e ao lado dos nomes tem um túmulo que representa a memória dos povos indígenas extintos do Brasil.

Essa construção do monumento no Monte Pascoal tem sido uma arma não só de resistência, mas também de libertação, e faz parte de uma luta, de uma história viva que chega a essa convivência deles no Pé do Monte e essa foi uma das visões das lideranças nesse espaço que é o futuro dos seus filhos, pois a intenção deles era ver o seu povo ter liberdade de ir e vir em seu próprio território.

5. CAPITULO 3 - ESPAÇO ATUAL



Figura 11. Praça e símbolo da Resistência dos Povos Indígenas do Brasil, foto: Ikhã Pataxó, 19 de agosto de 2019.

5.1 A praça como espaço de aprendizado

A construção do Monumento, com certeza, foi um dos maiores exemplos de aprendizado que todos tiveram se não foi com a sua construção, sem dúvida com seu resultado até os dias atuais. No período de começo de ensino na aldeia Pé do Monte foi o mesmo ano de construção do monumento e foi para a professora que trabalhava nesse tempo um dos momentos que ela também aprendeu muito:

No momento de construção do monumento, todos nós tivemos um dos maiores exemplos de aprendizado, onde era muito interessante que de uma forma ou de outra, mesmo fora do horário de escola, todos participavam, todos estavam ali presentes. Os pais estavam diretamente envolvidos, então, como a gente tinha um público de alunos adolescentes, quando eles saiam da escola eles voltavam e ficavam diretamente lá, pra ajudar os seus pais. (ROSENI NUNES DE JESUS CRUZ, Entrevista, 05/03/20).

Ela também conta que as pessoas que trabalhavam na construção do monumento acampavam naquele espaço, para não deixar o trabalho parar. Durante

esses momentos, quando ela e os alunos iam para a escola, ela parava para ouvir as histórias que o grupo da construção que se tratava de homens e mulheres contava, para ouvir os detalhes que estavam sendo preparados. Muitas das vezes chegavam a ir em casa para almoçar e tomar banho e voltavam, e para ela isso era interessante. Como todos se conheciam, eles se organizavam em um grupo grande e iam para o meio da mata onde era a construção. Nesse espaço dançavam e cantavam o seu ritual, tinha contação de história do cacique e lideranças.

Desde o início se refletia muito sobre aquela história de luta e resistência do povo Pataxó e de um modo específico a história da chegada dos Pataxós no Monte Pascoal e a necessidade de construir o monumento de resistência. Para ela, sendo recém-chegada na aldeia, se encantava com cada detalhe em relação à luta, em relação à persistência por ser uma história de sofrimento e superação muito grande:

Eu via as criancinhas junto com seus pais, enquanto os pais estavam trabalhando, carregando madeira ou cimento envolvido naquela obra toda, as crianças participavam de forma bem efetiva. Tinha as pedrinhas, uns tipos de búzios onde eles selecionavam envolvidos diretamente no trabalho. Eu achava aquilo muito lindo e junto com aquele trabalho ia se construindo aquela história então todos participavam.
(ROSENI, Entrevista, 05/03/20)



Figura 12 Crianças ajudando os pais a carregarem pedras para a construção do monumento, foto: Dan Baron, abril de 2001

Na época, ela e sua colega de trabalho também participaram desse momento. Ela lembra que ali as lideranças faziam sua própria alimentação, se envolvendo em todos os sentidos, fazendo revezamento de turnos, para que pudessem ter um descanso.

Enquanto aprendizagem, para ela aprender o significado de cada detalhe é interessante. E hoje todas as coisas que aconteceram no momento da construção do monumento, na escola, não teria acesso a toda essa riqueza de formação. Esse espaço é muito mais que uma escola; é um espaço de convivência. Não foi somente um espaço de construção foi e está sendo uma escola para vida.

Para ter certeza de que esse espaço é de aprendizado para estudantes, conversei com uma aluna da Escola Pataxó Pé do Monte. Ela relata os seus conhecimentos sobre o lugar:

Falando deste espaço aqui onde estou que é a Praça de Resistência, eu agradeço muito aos professores daqui vem me ensinado bastante sobre estas historias em especial aos professores Marines e Tohõ, pois depois que eu vim estudar aqui na Escola do Pé do Monte eu tive mais conhecimentos falando sobre nossos direitos, como a gente deve fazer, sempre tendo garra para lutar. E eu agradeço muito a vocês professores que tem me ensinado muito, e pisando aqui neste espaço que acredito que um espaço muito espiritual que nos traz energias positivas que nos ensina de um jeito real o significado que ele tem para os povos do Brasil.

Antes de conhecer a Praça da resistência, eu já tinha a curiosidade de saber na verdade como que era este espaço, mas não sabia de todo o processo que teve para que hoje ela esteja fazendo parte do nosso aprendizado, ainda mais para mim que não sou indígena, mas me considero muito. Este espaço pra mim é rico em aprendizado para todos, e também um espaço onde refletimos a memória dos anciões, onde que relembramos de cada um deles, porque eles foram pessoas que não estudavam porque não tinha condições, mas que deixaram história de luta e de grande valor para nos estudantes. (REBECA COUTO, Entrevista, 19/08/19).

Falar do espaço da Praça de Resistência como lugar de aprendizado da luta Pataxó é pensar nas lutas ancestrais, desde todo esse processo colonizador até uma reflexão mais atual sobre as condições de vida das comunidades indígenas. E mesmo que muitas histórias foram travadas nos últimos séculos, a permanência desses espaços continua sendo importante para a memória e ensino pedagógico do Povo Pataxó.

Por essas informações que devemos entender enquanto indígenas e conhecedor que os conhecimentos tradicionais sejam trabalhados nas salas e espaços que reforcem o aprendizado. E pensando na opinião das pessoas em relação a essas informações que um de meus entrevistados e visitantes da Praça da resistência fala:

A PRAÇA DA RESISTÊNCIA na Aldeia Pé do Monte, no Parque Monte Pascoal, vem como uma referência de uma proposta política de um grupo excluído na história brasileira, não só como um monumento territorial como símbolo de uma conquista, mas sim... Também como um marco de DESCOLONIZAÇÃO histórica. Pois a Praça da Resistência se torna um espaço educativo em torno dele e um objeto de memória viva contada pelos indígenas. Ali está presente uma nova democratização educacional, na qual a escola deixa de ser um espaço físico e colonizador, passando a ser ali um espaço diferenciado de reconhecimento da memória e de uma nova visão diante da história contada por uma educação eurocêntrica e colonizadora.

É muito importante a manutenção desses espaços como objeto de diálogo entre as pessoas, pois sendo assim a traz para o observador não índio como reaprender uma nova história que não estão nos livros e nem nos espaços educativos, também para o próprio índio que não se reconhece devido à exclusão e sua autonegação ao longo dos anos, por conta do preconceito estrutural brasileiro, até mesmo dentro dos espaços educativos quando ele não se vê representado na história brasileira. (ITAMAR DOS ANJOS SILVA, entrevista, 26 de agosto 2020).

Itamar é artista Plástico, ator, bailarino e roteirista e busca seu autorreconhecimento étnico e cultural indígena, através desses processos de

construção de memórias, usando essas modalidades artísticas, e tem desenvolvido alguns trabalhos junto à comunidade Pé do Monte.

Para ele, além de outros espaços ideais para os diálogos de suas atividades foi na Praça da Resistência que pode desenvolver sua metodologia com as crianças e jovens quando feito o filme *A lenda do Monte Pascoal*. Um trabalho que dependeu tanto da inspiração do lugar quanto do seu cenário, que tem gerado um belo resultado do filme.



Figura 13. Términos das gravações do filme “A lenda do Monte Pascoal”, foto: Itamar dos Anjos, 15 de maio de 2013.

A Praça da Resistência apresenta aspectos que vão muito além do que ela apresenta visualmente. Por isso, quem a visita, seja quem for, acaba ganhando mais do que quem a apresenta. E é importante que não só esse espaço, mas como outros espaços que possam transmitir conhecimentos devem ser explorados de maneira metodológica.

“Temos esse espaço como uma faculdade” (Tohõ Pataxó, 27 de agosto de 2020).

Para Tohõ, que é professor de Patxohã, falar da Praça da Resistência sem falar do Monumento não dá, até porque estes dois espaços trazem história de uma

luta e resistência do povo Pataxó e, quando essas histórias são repassadas, trazem a força para o fortalecimento da luta e da cultura indígena.

Por isso, percebo que a Praça é um espaço de aprendizagem do povo Pataxó, onde se vivencia o conhecimento, o saber tradicional de nosso povo e que também serve de aprendizado para as crianças da aldeia, em que os professores, principalmente os indígenas, têm um desenvolvimento metodológico com seus alunos sobre a história desse lugar.

5.2 Usos escolares e não escolares

Atualmente, a Praça da Resistência recebe várias visitas de indígenas e não indígenas. Algumas pessoas querendo subir ao monte Pascoal para conhecer e se aventurar numa caminhada de 1.700 metros acima e acabam se aventurando nas histórias contadas nesse lugar que vai muito além do que eles buscam, sendo elas estudantes indígenas das comunidades vizinhas e estudantes não indígenas do ensino infantil até o ensino universitário.

O espaço é frequentado por estudantes indígenas em momento de aula, com o professor indígena que fala da importância desse lugar para eles e o valor e respeito que cada um deve ter com o espaço e com as lideranças que participaram desse momento de luta.



Figura 14. Estudantes indígenas da Aldeia Pé do Monte, foto: Tohõ Pataxó, 20 de junho de 2019.

No espaço de aprendizagem da Praça, tem também a presença constante de estudantes não indígenas que a visitam para conhecer a história principalmente do povo Pataxó. Na maioria das vezes, esses estudantes só sabem por livros a história e que se encantam quando conhecem a realidade das comunidades indígenas.



Figura 15. Estudantes não indígenas, foto: Tarugo Pataxó, 09 de setembro de 2019.

Os indígenas realizam a prática da pintura que é um aprendizado carregado de geração em geração para que não se esqueçam da prática, conhecimentos,

significados e relações delas com seu povo. Os conhecimentos tradicionais estão sempre presentes nesse espaço, história do seu povo, a alimentação, o ritual e outras festividades.

Pintura: A pintura é um dos elementos culturais que destaca e diferencia um povo e que tem seu significado. Os traços usados têm todo um detalhe que pode diferenciar de uma pessoa para outra



Figura 16. Criança de dois anos usando seus dedinhos para pintar o rosto com urucum foto; Ikhã Pataxó 19 de agosto 2019.

Certamente, essa criança viu alguém fazendo o mesmo processo. Esse é o processo que chamamos de aprendizado, pois o espaço também influencia. Esse espaço da Praça é considerado sagrado e quem vai até ele é um mais novo aprendiz em todos os aspectos. E não são somente esses aprendizados que são realizados. A escola também proporciona esses momentos e um deles foi um desses eventos culturais recentes: Desfile cultural da Escola Indígena Pataxó Pé do Monte, que foi desenvolvido pelos professores indígenas com objetivo de mostrar a sua identidade cultural sem medo do que a sociedade preconceituosa pensa. A

escola tem dado esse espaço e os professores desenvolvem os eventos, pois acreditam que para tudo tem uma conquista.



Figura 17. Momento de reflexão de mais um ano de retomada do Monte Pascoal, foto; Ikhã Pataxó, 19 de agosto de 2019.

No espaço da Praça da Resistência, todo o ano, no dia 19 de agosto, tem a participação do cacique e lideranças para falar do processo de luta para que eles pudessem retomar o Monte Pascoal, falando da importância que a Praça da Resistência simboliza para todos, além de lembrar de cada uma das lideranças mais velhas que lutaram também e que hoje não mais existe entre eles em carne, mas em alma, pois eles acreditam muito na dimensão espiritual que o espaço os proporciona, buscando a si as forças ancestrais através dos rituais realizados ali, pois o ritual é uma prática sagrada para os indígenas e que exige muito respeito no momento da dança.



Figura 18. Ritual Pataxó foto; Ikhã Pataxó 19 de agosto 2019.

Todas as atividades desenvolvidas no espaço da Praça têm um significado muito importante para o fortalecimento da cultura indígena, e parte dessa cultura é o desenvolvimento no aprendizado das crianças da aldeia. Esse aprendizado é favorecido pelas palestras dos coordenadores, professores, lideranças e o cacique sobre a sua própria cultura tradicional, e também realizando a prática de uma educação diferenciada escolar indígena, que é onde os alunos aprendam sobre a importância e valorização do lugar.



Figura 19. Participantes do Desfile Cultural, Foto: Ikhã Pataxó; 19 de dezembro de 2018.

Além das realizações culturais de seu povo, os moradores da Aldeia Pataxó Pé do Monte recebem constantemente visitas de turistas no monumento que, na maioria das vezes, são estudantes universitários que buscam conhecer pessoalmente o que só conhecem no livro. Com o turismo, eles passam a conhecer um pouco sobre a realidade deles para que os visitantes tenham uma visão diferente sobre como é a comunidade e a luta de seus ancestrais para que eles pudessem estar ali; passam também um pouco da sua religiosidade, da cultura, da vivência e de sua organização interna. Tudo isso é para fortalecer a cultura indígena e para que o homem branco tenha essa visão de que eles foram os primeiros habitantes desse território.



Figura 20. Universitário a caminho da Praça da Resistência, foto: Tohõ Pataxó, 01 de setembro de 2017.

Hoje, esse monumento de resistência e de luta Pataxó serve também para os parentes indígenas como espaço de fortalecer o Awê Heruê (Ritual Sagrado), onde é praticado com mais frequência, sendo terça-feira para homens, mulheres e criança da comunidade, e nos sábado só para os homens porque tem uma preparação espiritual, que não pode ser revelada. Nesse espaço também já receberam a noite universitários de cidades grandes, que vêm em busca de um conhecimento do povo Pataxó, passando a noite na beira da fogueira e comendo peixe assado na patioba e tomando um kuhitú (rapé feitos de várias ervas medicinais) e recebendo a força de Niamisû (Deus), e também dos encantados das florestas.



Figura 21. Utilização do incenso para purificar o espaço, foto: Ikhã Pataxó, 19 de agosto de 2019.

Todo ano, no dia 19 de agosto, a Escola Indígena Pataxó Pé do Monte se reúne na praça da resistência, juntos com alunos e professores, para refletir sobre a luta dos nossos antepassados que lutaram para deixar um marco histórico para nosso povo. Lideranças e professores se reúnem com os nossos alunos nessa Praça da Resistência, ouvindo a fala das lutas do nosso ancião, do movimento indígena, que sempre os professores relembram que eles, nos tempos deles, não sabiam ler e nem escrever, mas eles sempre eram guiados pelo espírito da sabedoria; tinham também um objetivo para deixar um espaço para suas futuras gerações que vinham pela frente. Relembramos os nossos guerreiros, aqueles que os deuses tenham em um bom lugar, e que hoje têm outros guerreiros que continuam com essa jornada, por onde que nossos antepassados passaram, onde nós também passaremos, e que outros irão passar novamente, e que a luta sempre continuará. Com tudo isso, nosso aluno e nossa comunidade falam sobre a importância de um movimento indígena voltado para uma educação diferenciada e também sempre fortalecendo nosso ritual sagrado e nossa língua Patxôhã.

A Praça da Resistência tem todo um envolvimento com as comunidades em torno do Monte Pascoal, e que tem como objetivo ser um espaço troca de grandes e importantes ensinamentos para os visitantes e para os estudantes que a visitam. O monumento tem sido um lugar que faz refletir grandes lutas vividas pelos pais e avós dos alunos da Aldeia Pé do Monte e que refletem muito neles a importância do valorizar cada uma dessas pessoas.

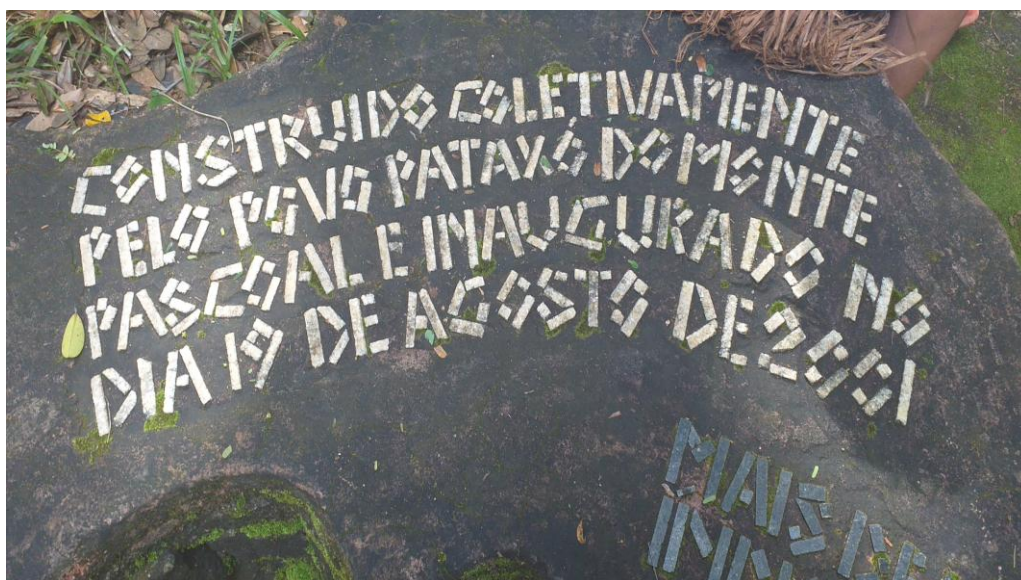


Figura 22. Escrita em mármore-granito no monumento, Foto: IkhãPataxó, 19 de agosto 2019.

O monumento símbolo de luta e resistência dos povos do Brasil foi inaugurado no dia 19 de agosto de 2001, no segundo aniversário em que os Pataxós retomaram o Monte Pascoal e por essa data ser tão importante para os povos, principalmente para o Pataxó, todo o ano tem o momento de reflexão. Momento em que é lembrado das lideranças que participaram e participam do movimento indígena e algumas escolas das outras comunidades do território de Barra Velha se encontram pra refletir a retomada do Monte Pascoal.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização deste trabalho abordando o tema *Praça da resistência: um espaço de aprendizado da luta Pataxó*, pude refletir sobre a história de luta e resistência do povo Pataxó durante os 500 anos até os dias atuais, principalmente na história da luta persistente por seus direitos. Busquei destacar esses momentos difíceis vividos e que ainda persistem, ressaltando a importância e o valor que essas memórias têm, firmando a identidade de cada povo, de acordo com seu modo de reivindicar direitos e de conquistar seu patrimônio histórico.

As pesquisas sobre a Praça da Resistência foram feitas com as pessoas mais velhas da comunidade de Boca da Mata, Pé do Monte e Canto da Mata, que me contaram suas memórias que quanto mais me diziam, mais era a minha curiosidade, e mais novidades apareciam, que para mim era sem dúvida prazerosa. Só na imaginação tentava sentir o mesmo que meus parentes sentiram em cada uma dessas histórias vividas por eles.

Com base em minha pesquisa, pude observar que, sem os conhecimentos dessas histórias, não sabemos e tampouco conhecemos o nosso próprio povo, e que escrever e registrar os relatos das pessoas anciãs de nossa comunidade é essencial para o nosso futuro.

Acredito que neste trabalho eu estou contribuindo principalmente com a Aldeia Pé do Monte

Considero importante a memória do nosso povo Pataxó em minha pesquisa e que embora sejam temas diferentes, devemos como Pataxó contribuir para que a memória do nosso povo seja registrada e que possa servir de material de pesquisa para parentes indígenas e não indígenas que tenham interesse.

7. REFERÊNCIAS

BARON, Dan. **Alfabetização cultural**: a luta íntima por uma nova humanidade. São Paulo

ANAI. **Carta de Índios Pataxó ao Presidente da República**, João Figueiredo. Brasília, DF: 1980.

Monumento à Resistência dos Povos Indígenas no Monte Pascoal (BA) (*Jornal Porantim, Brasília, p 4, agosto, 2001.*)

Nelson Piletti, Claudino Piletti. História e Vida Integrada. Ensino fundamental.

<https://www.biblio.fae.ufmg.br/monografias/2017/TCC-IRAIA.pdf>

PATAXÓ

QUER O SEU TERRITÓRIO DE VOLTA. O PARQUE NACIONAL DO MONTE PASCOAL. COMO UNIDADE DE CONSERVAÇÃO E TERRA INDÍGENA.